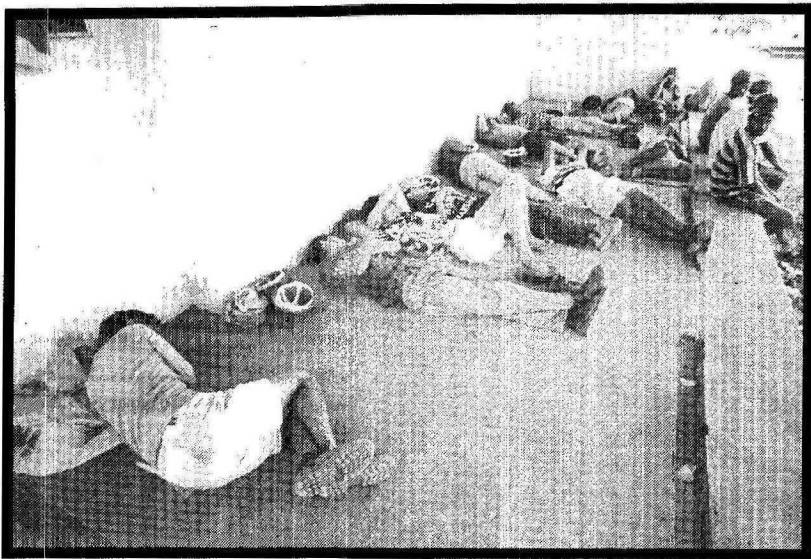
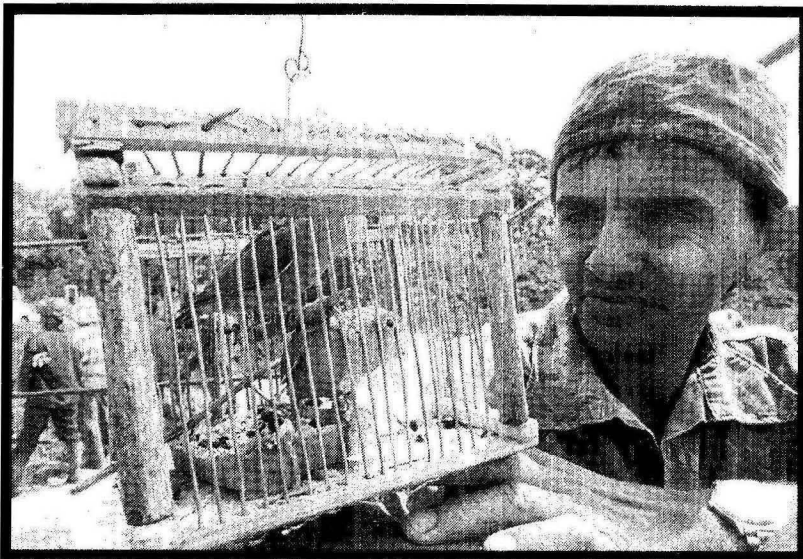
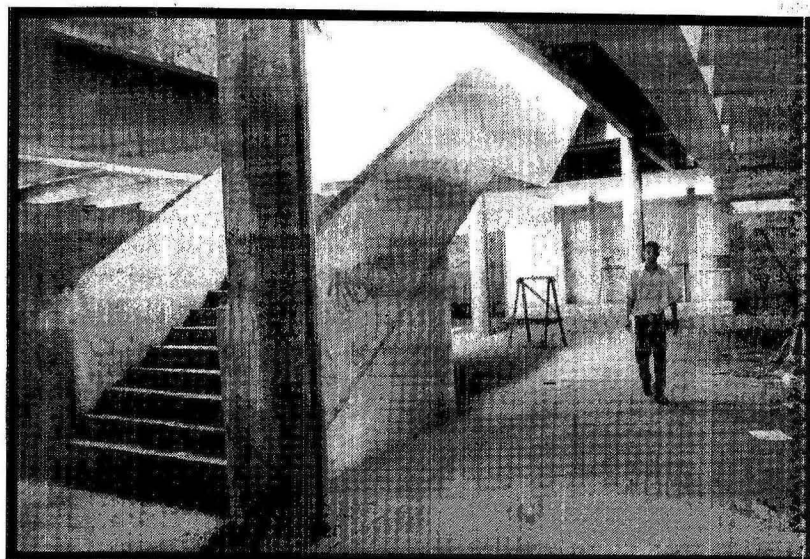




NEM MESMO o chão duro é capaz de impedir alguns minutos de descanso



EVANGELISTA DE SOUZA usa o dinheiro para comprar pássaros e soltá-los



SÓ O VIGIA André Leal dos Santos trabalha na Estação da Guararoba

SOB O CÉU

OPERÁRIOS SE APEGAM À RELIGIÃO E BOAS LEMBRANÇAS PARA SUPORTAR O MEDO OU HUMILHAÇÕES

O amanhecer para os tuneleiros dura apenas alguns minutos. Apenas o tempo que levam para ir de casa ao trabalho, onde mergulham em túneis, nos quais o único sol possível é a lâmpada de mercúrio. Os carpinteiros, armadores, pedreiros, operadores de máquinas e feitores passam o dia sob a luz natural e desfrutam o que sobrou da noite num sono pesado.

Os sonhos dos guardiães de obra só tem espaço durante o dia porque nas madrugadas, ainda que os olhos se fechem para cochilos rápidos, estarão com as lanternas acesas no escuro. Serão como olhos de gato iluminando canteiros e trechos que não podem ficar sem vigília.

Na obra chamada metrô, não há dias nem noites. Há apenas 24 horas, em que operários, encarregados e vigias se revezam em turnos. Alguns trabalham na madrugada ao ritmo que pede a obra, sem tempo para pensar, nem temer. Os vigias passam as noites em profunda solidão, por vezes interrompida pela refeição que chega, por ratos, fumadores de maconha e ladrões baratos.

Muitos sequer notam a presença dos gatunos. Ou se notam, chegam a conversar com o camarada, que às vezes sai do território do metrô sem incomodar em nada, e outras vezes sai levando o que vê pela frente.

Existem no percurso do metrô 28 estações, nove delas prontas, entre o Zoológico e Samambaia, por onde os trens já passam e param. Recentemente, as estações 114 Sul e Galeria também foram finalizadas, e já entraram em fase de testes. Nas outras estações da Asa Sul, não haverá parada do trem por enquanto. A obra na estação central (Rodoviária) só deve ficar pronta em dezembro.

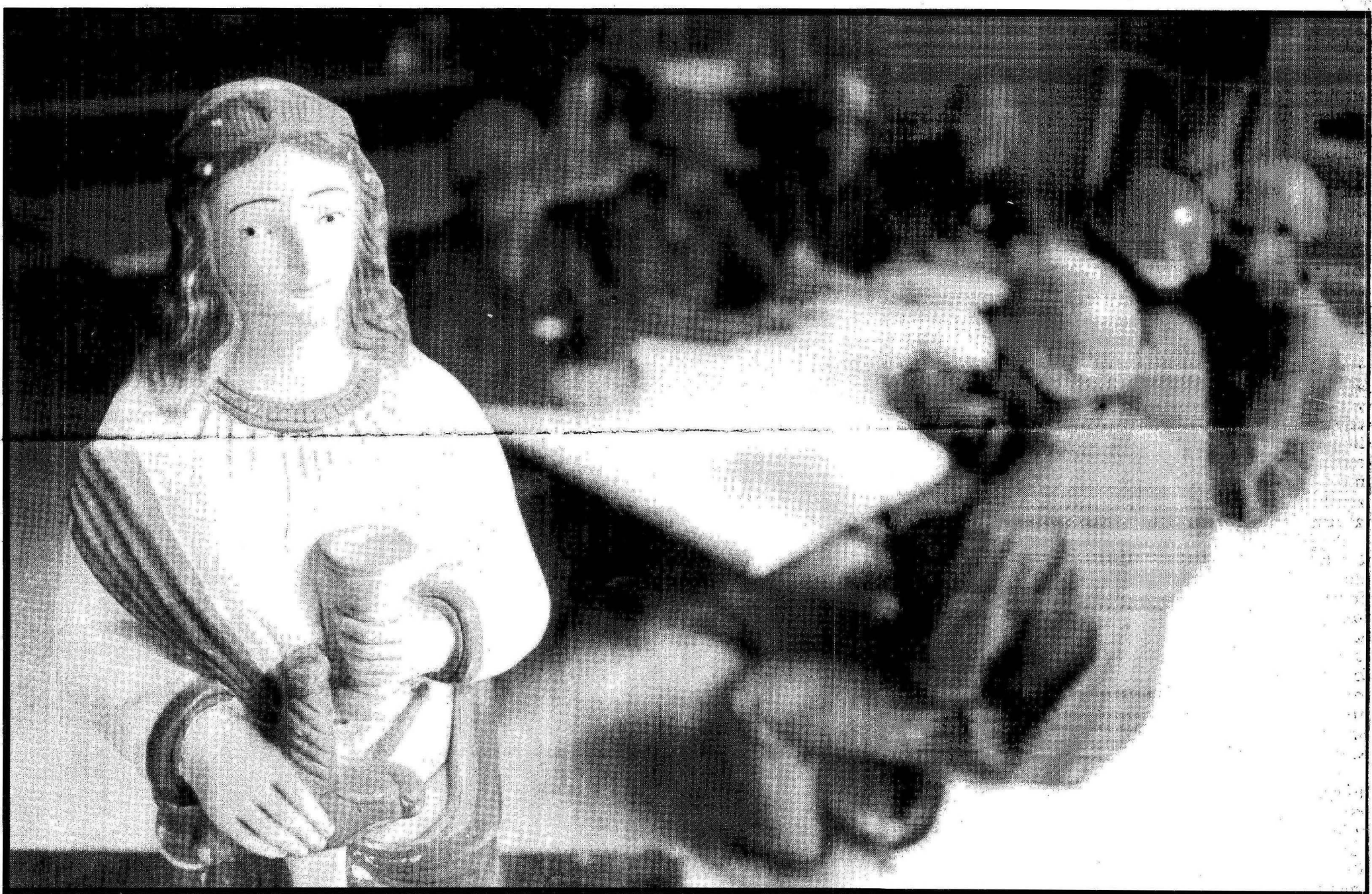
Uma orquestra de sons dita o curso da obra na estação da Rodoviária. Ali, ferramentas e maquinários são os instrumentos dos operários conduzidos pela batuta dos feitores e encarregados. Ninguém pára. Foi assim também em todas aquelas estações da Asa Sul, que lentamente desapareceram, enterradas nos buracos e cobertas pela grama nova, quando os tapumes foram retirados.

Até que cada operário termine seu trabalho e parta para outra obra, encarregados e peões vão continuar pedindo proteção a Deus para chegar em casa a salvo. É assim desde que o pároco de Samambaia, Ignácio de Mello, respingou gotas de água benta sobre o primeiro canteiro de obras, na estação Furnas, em Samambaia, no dia 7 de janeiro de 1992. "Deus, lanças suas bênçãos sobre as obras do metrô", disse a uma platéia de políticos e autoridades.

Desde então, em cada canteiro, há sempre alguém que faz as vezes de padre ou de pastor. A primeira providência antes de um dia de trabalho é o chamado DDS, Diálogo Diário de Segurança, um pequeno sermão de 20 minutos — momento de falar sobre como evitar acidentes, de reclamar da vida, de fazer pedidos, de contar problemas e, por fim, de rezar.

O sol ainda estava surgindo no céu seco do dia 12 de agosto, quando chegaram os 110 trabalhadores ao canteiro de obras da PP-1, código da estação em frente ao Cine Centro São Francisco, na 102 Sul. As sete em ponto, eles deixaram de lado o copo de café com leite, seguraram os capacetes nas mãos e se agruparam para ouvir.

Era a hora de lembrar "que uniforme sujo tampa os poros, não deixa a pele respirar". Que obra limpa,



SANTA BÁRBARA é a protetora dos tuneleiros e na obra do metrô de Brasília é respeitada até mesmo pelos operários evangélicos, que são contrários à adoração de imagens, em uma oração ecumênica

sem pregos ou outros materiais pelo chão, é sinônimo de obra segura. Que equipamentos de segurança são a capa de proteção para chegar ao final do dia sem arranhões.

"Quando a gente sai, os filhos *tão* dormindo. Quando a gente volta também. Eles mal conhecem os pais, né? Pra melhorar nosso trabalho, todos nós podemos dar sugestões, vamos fazer um trabalho consciente, vamos ser companheiros. Hoje temos mais um desafio pela frente", começou Joacy Luis dos Santos, encarregado de produção daquela estação.

Todos os operários pareciam entender o recado. Francisco de Assis do Nascimento, 45 anos, 25 deles dedicados à construção civil, continuou: "Tem vezes que passo quatro dias sem ver o meu filho. De manhã cedo, a gente corre atrás de arrumar o pão, sai de casa e agradece a Deus. Reza pra esposa não ter uma notícia ruim."

REZAR PARA COMEÇAR O DIA

Em silêncio, todos escutavam e balançavam a cabeça afirmativamente. Mesmo quando o assunto era uma brincadeira infantil, delatada no DDS, ninguém ousou esboçar um sorriso. Um operário narrou a cena em tom de recriminação: — "Um colega puxou a calça do outro, que estava com as mãos ocupadas, e jogou pó de terra nele". Joacy ouviu com atenção e disse que esse tipo de gracinha não combina com construção civil.

Conselhos dados, reclamações colhidas, é hora de rezar. Naquele 12 de

agosto quem puxou a oração foi o evangélico Silvestre Lúcio dos Santos, 41 anos, que há sete meses mostra aos companheiros o que aprendeu nos oito anos dedicados à nova religião.

Rezou ali mesmo, tranquilamente, ao lado de uma pequena gruta, onde repousa Santa Bárbara, santa católica, que morreu aos 20 anos assassinada pelo pai pagão, depois de ser descoberta refugiada numa gruta. Na obra do metrô é assim. Evangélicos, católicos, ateus e protestantes convivem harmoniosamente e se revezam nos cultos debaixo da poeira, ao som do repique dos martelos, que substituem as badaladas dos sinos.

Santa Bárbara é considerada a protetora dos mineiros e dos tuneleiros. A imagem dela acompanhou cada escavação do metrô. E, mesmo aqueles que não são tuneleiros e, supostamente, não seriam detentores da proteção da santa, a tratam com o mesmo respeito e devoção.

Foi aqui no metrô de Brasília que o pedreiro João Batista do Nascimento, 50 anos, viu pela primeira vez a imagem de Santa Bárbara numa obra. Ele é aquele que José Tavares, responsável até há pouco tempo pela ventilação do metrô, costumava apontar como o homem do Pai Nosso. "Ele não deixa o dia começar se não tiver alguém pra rezar com ele", comentava Tavares.

Definição que só traz orgulho para João Batista, homem com nome de santo, que não sabe ler, mal assinava o nome, mas guarda em si aquele tipo de sabedoria que o torna capaz de ler pensamentos e cunhar sua marca em cada chão de terra batida. Aprendeu desde cedo a seguir a

"lei católica". E, para ele, cada conquista que teve ao longo de sua vida é um milagre de Deus. Em 1987, quando chegou a Brasília com mulher e quatro filhos, trazia apenas a esperança de melhorar de vida e a promessa da irmã de que teria um barraco no fundo de quintal da casa dela.

EM OBRA SÓ SE PEDE PARA ENTRAR

Mas a promessa não vingou. Ao chegar, João Batista viu o barraco já alugado e disse à irmã: "Saio daqui nem que seja para debaixo da ponte". E pediu a Deus: "Senhor, se tu me abençoar para eu conseguir um pedacinho de chão, serei eternamente grato."

"Sou um filho de Deus e ganhamos um lote em Samambaia com um ano e seis meses de Brasília. Foi um milagre!", comemora até hoje. Tinha trinta dias para ocupar o lote na QR 108, mas não tinha dinheiro para construir sua própria casa. Decidiu pedir à firma em que trabalhava para mandá-lo embora, no intuito de receber a indenização.

No sindicato, ouviu uma verdade que ainda traz consigo: "em obra, só se pede para entrar". E, de fato, não o demitiram. "Deus me iluminou e eu pedi demissão assim mesmo. Na semana, trabalhava por conta própria e nos finais de semana, construía minha casa."

Em quatro meses, o barraquinho de madeirite deu lugar a uma casa de alvenaria com três quartos, sala, banheiro, cozinha. Um lar para a mulher que há 25 anos "come sal junto com ele", e pa-

ra os quatro filhos com idades entre 25 e 16 anos, que ainda moram com João.

Um lar parecido ao que tinha em Teresina-PI, dez anos atrás, onde pouco parava devido às obras no Pará e na região da Amazônia. Havia cansado daquela vida cigana. E das discriminações que nem sempre suportou ao longo de 27 anos na construção civil.

"Fico indignado. O sangue ferve como uma panela quente no fogo. Às vezes, entra um estagiário-engenheiro. Ele aprende com o operário e depois que pega o macete, quer mostrar que é o rei da cocada preta." Certa vez, foi a uma cidadezinha chamada Trinta, no Pará. Chegou lá e foi descartado logo de cara. Parou num bar ao lado da obra e a mulher disse que o mestre era um baiano que passaria por ali em pouco tempo.

Ele realmente passou, tomou um café e quando ia embora, João Batista entregou a ele a primeira de suas três carteiras de trabalho. Ele saiu andando e olhando. Voltou-se para trás e disse: "sua carteira está me indicando que é bom. Espera aí."

João esperou das 9h às 14h, até receber um recado para que voltasse no outro dia. Na manhã seguinte, às 6h30, já estava lá. Esperou até às 12h sem um copo de água. Entrou na obra, mas ninguém lhe disse o que fazer. Às 16h, a barriga vazia e a fraqueza nas pernas lhe deram coragem para perguntar pelo almoço, que seria sua primeira refeição do dia.

Só conseguiu comer às 19h, com o único dinheiro que tinha no bolso. Trabalhou cinco dias naquela obra e foi embora dizendo: "Pedi para entrar porque achei que seria respeitado. Não sou escravo".

Na construção civil, João aprendeu a fazer desde um piso ao telhado de uma casa, mas aprendeu também a ouvir o que não quer, a engolir sapos para não ficar desempregado.

"Já vi muito operário chorando no pé de encarregado para não embora." Mas, apesar da amargura que parece dominar o peito, João é daquele tipo de gente que aplaca o dor com boas lembranças de empregadas e com o apego à religião.

Quando inicia um DDS em alguma estação, pergunta quem é católico quem é protestante, quem é de outra religião, que não a sua. Os que não ficam muito à vontade com o seu Pai Nosso terão sua chance de falar sobre suas crenças no dia seguinte.

"Concorrência de religião existe, mas não se briga por causa disso. O maior pecado é julgar os outros. Todos devem trabalhar pelo Senhor", diz ele.

Reza também para afastar os perigos do caminho dos peões, para repetir o índice zero de acidentes de trabalho de abril, anunciado por um bonequinho chamado Prevenildo que está grudado nos tapumes de canteiros. "Só Ele pode nos defender de acidentes e de suas consequências do trabalho em cima da terra. Com ele, estamos salvos. Se não tiver a Dele, vai ter proteção de quem? Tenho essa batalha."

Afinal, como disse o evangélico Nivaldo Costa Oliveira, 43 anos, aos operários da PP-2 num certo DDS: "Jonas estava no ventre de uma baleia e achou que estava no inferno, mas mesmo assim encontrou Deus. Não há um só lugar onde se possa esconder da presença Dele."